

## editorial

O ano de 2003 chega ao final e as lutas nas quais estamos envolvidas continuam. O período foi intenso, com as mulheres se organizando e atuando nas mais diversas frentes: campanha contra a Alca, Organização Mundial do Comércio e militarização; valorização do Salário Mínimo; batalha contra os transgênicos; Fórum Social Mundial e Brasileiro; a luta contra a tirania do mercado e as imposições mercadológicas aos nossos corpos e mentes.

O balanço que podemos fazer é positivo. Conseguimos envolver mais mulheres, de diferentes setores, nas discussões sobre economia, por meio da Rede Economia e Feminismo ou das ações da Marcha Mundial das Mulheres. Estivemos presentes nas atividades e coordenação das ações e debates surgidos nos movimentos sociais, atuando a partir do feminismo nestes espaços.

No novo ano que se aproxima não será diferente. Estaremos novamente apresentando as ações e propostas feministas na Índia, durante o Fórum Social Mundial 2004, ampliaremos os debates sobre a campanha de aumento do mínimo, e, principalmente, reforçando a nossa posição contrária à criação da Área de Livre Comércio das Américas.

A nossa luta continua sendo todo o dia e esperamos sair vitoriosas, vencendo a tirania do livre comércio, as poderosas transnacionais e construindo um outro Brasil e outro mundo, com as mulheres fazendo valer seus direitos e desejos.

*As Sempre vivas*



Miriam Nobre

Instalação da oficina sobre mercantilização

## Produção de imagens, produção de si: a mercantilização do corpo

Por Dâmaris Pires de Oliveira

A oficina *Mercantilização do corpo: produção de imagens, produção de si*, oferecida pela Marcha Mundial das Mulheres no 14º Encontro Nacional Feminista reuniu mulheres para compartilhar suas sensações e reflexões sobre as imagens do corpo da mulher na sociedade e discutir as estratégias de apropriação do corpo com fins utilitários e mercadológicos, dinâmica engendrada pelo atual sistema econômico, violento, que forja seu impacto através do glamour dos equipamentos midiáticos.

O trabalho teve como suporte a instalação *"Jantar de Pernas"*: uma escultura onde estavam dispostos sobre uma mesa de jantar um prato com escovas de dente tomando o lugar dos talheres. Tinha também uma poncheira e taças contendo bebida e pernas de boneca "Barbie". Nessa obra, as partes do corpo estão "servidas" como no imaginário social, um certo glamour esconde a violenta apropriação do corpo da mulher. Os "talheres-

escova" comunicam que não é necessário "engolir" tudo e oferece o colorido das escovas como forma de "limpar" o imaginário, favorecendo nova significação. O impacto visual e estético pretendido busca atravessar o imaginário com a reflexão sobre as imagens das mulheres produzidas e divulgadas através da mídia e das práticas pedagógicas.

Após o contato com a proposição, as participantes foram trocando suas impressões, sensações e sentimentos mobilizados pela instalação. Vejamos o que disseram: "...Mutiladas, brancas, mulatas-mulas, corpos como objeto, engolir à seco, sem cabeça, mulheres sem cabeça, boneca barbie, propaganda-mercado, corpos-cerveja, corpo perfeito, corpo fragmentado, mulheres são lindas, pernas sem cabeça, corpo esquartejado, mulheres-mercadoria, violência, raiva, revolta, tristeza, choque, angustia, impotência, quem se serve é um homem, somos um trapo a ser servido, banca de revista, nuas,

bocas fálicas, carne, consumo, não arruma nem emprego se não corresponder ao padrão, sexismo...”.

Nessa oficina pudemos experimentar as sensações que nos provocam a fragmentação, a exploração a que estamos submetidas cotidianamente e materializar isso em uma produção plástica coletiva. Essa ação possibilitou contatos diversos, tais como criar um espaço para a expressão individual, apoiar, compartilhar idéias e sentimentos e representá-los em um só painel coletivo.

Experiências como essa indicam um caminho no processo de ruptura com o movimento de apropriação e esvaziamento das experiências subjetivas ao qual estamos submetidas na sociedade.

### Mulheres, que corpo é esse?

O corpo na modernidade tornou-se o ponto estratégico de ação de diversos saberes, adquiriu várias leituras, sob a normativa do sexo. São corpos naturais, generalizados, carregados de sentidos e finalidades.

Esse século deu imensa importância à sexualidade e essa passou a fazer parte de um sistema de saber que divide os seres binariamente. Essa divisão funda-se na evidência maior, o sexo, estabelecendo uma finalidade e uma hierarquia onde um é mais importante que o outro. Para Michelle Perrot (1997), a construção das relações de sexo, da inferioridade da mulher em relação ao homem vem sendo construída historicamente pelo discurso dos historiadores fortemente alicerçado no patriarcado, no biologismo, autorizado pela ciência moderna, inserida num sistema de representações, de significados e práticas sociais. Simone Formiga (2000) ressalta que o corpo ocupa hoje o lócus da estética ligada ao consumo, a matéria que trabalha o corpo é o design... a escultura, a embalagem do ser. O padrão corporal reflete o contexto sócio-econômico, político e cultural de uma sociedade, é considerado como uma etiqueta, uma grife, representa uma sociedade estratificada, competitiva e controladora. A forma está relacionada ao conteúdo, logo,



Desnaturalização do corpo em debate durante a oficina

a forma corporal traduz quem você é.

Todos discursos carregam o poder da historicidade que constituiu a mulher como uma essência única, generalizada pelas formas idealizadas de beleza e fragilidade, em oposição ao homem força, poder e criação. Esses discursos, criadores das imagens das mulheres na mídia, são reproduzidos em um plano pedagógico e tecem as relações sociais. A imagem é para a mulher uma tirania, sugerindo sempre um comportamento, um modo de vestir, uma idade, um status social, matrimonial, profissional (Perrot, 1997). Esses padrões comportamentais vão mudando segundo o tempo e a ordem mercadológica, “esta modelagem das aparências se estende ao próprio corpo, posto em pedaços em corte regulamentado... a incorporação do ideal de magreza gerador de anorexia, tipo de depressão feminina, é sinal extremo da armadilha das imagens” (Perrot, 1997: 285). A representação da mulher enquanto ideal de beleza fixa no imaginário coletivo signos que, assimilados como norma, modelos a serem reproduzidos, sugerem às mulheres como devem se comportar, como se vestir, o que pensar.

Nesse contexto, podemos entender que a naturalização do corpo, através da produção maquínica de sentidos e imagens, autoriza a exploração dos corpos das mulheres como um produto, num processo maior de mercantilização da vida e dos potenciais criativos que seriam capazes de gerar transformações sociais.

“Mulheres querem um mundo de paz, sem elite nem capataz”

Segundo Perrot, para modificarmos uma imagem, é preciso que nos apossemos dela e, a consciência da nossa própria imagem, leva-nos à vontade de controlá-la e produzi-la. Essa conquista das mulheres, de sua imagem, vem sendo desencadeada pelas ações e reflexões feministas, em prática diária do olhar crítico através da lente lilás do feminismo, sobre todas as manifestações desse fenômeno de apropriação de nossas vidas. Experiências autênticas, como a oficina do Encontro Feminista, possibilitam que atuemos sob nosso corpo e alma, pensamentos e condutas, deslocando os significados produzidos perversamente no cotidiano, (re) significando nossos corpos e construindo novos sentidos, retomando nosso poder subjetivo e de transformação coletiva, colaborando no processo de construção do feminismo como projeto político de vida.

Dâmaris Pires de Oliveira é psicóloga e militante feminista da Marcha Mundial das Mulheres no Paraná pela Liga Brasileira de Lésbicas

#### BIBLIOGRAFIA:

- PERROT, Michelle. *As Mulheres e as suas Imagens: ou o olhar das mulheres*. Tradução Ivana Simili In Pós-História. Edunesp, Assis, 1997.
- FORMIGA, Simone: *O design do corpo como determinante da identidade feminina*. In: *Corpo de Mulher: design de produto? P&D propaganda, Anais do P&D propaganda Design 2000*. Novo Hamburgo, 2000.
- FARIA, Nalu; SILVEIRA, Maria Lúcia (org). *Mulheres, Corpo e Saúde*. Cadernos Sempre Viva. SOF, SP, 2000.

## 2004 é ano de luta contra a tirania do livre comércio!

Por *Julia Di Giovanni*

O ano que começa será decisivo na luta contra a Alca. As mulheres, que construímos a resistência feminista à hegemonia neoliberal no Brasil e em todo o continente americano, devemos estar prontas para novas batalhas.

Na reunião ministerial ocorrida em Miami em meados de novembro – guardada por batalhões policiais, tanques e navios de guerra – foi lançado um modelo novo e talvez mais perigoso para a definição do acordo.

Conforme entendimentos entre o governo do Brasil e dos EUA, a declaração oficial define a continuidade das negociações em dois níveis ou “pisos”. No primeiro nível, seriam definidos os direitos e obrigações comuns aos 34 países da região, e assim seria constituído um “piso mínimo” da liberalização. No segundo nível, cada país faz as concessões que escolher numa espécie de Alca “à la carte”.

A Campanha Nacional contra a Alca há tempos já alertava que a permanência do Brasil na mesa de negociações só serviria para nos enredar cada vez mais nas armadilhas do acordo. Hoje, a imprensa e o governo têm anunciado a decisão de Miami como uma vitória do Brasil e dos pobres das Américas contra os Estados Unidos, fabricando a impressão de que, graças à competência dos negociadores brasileiros, vamos caminhando para uma “Alca Light”, esvaziada e inofensiva, que corresponderia aos “interesses do Brasil”. É preciso, como já aprendemos em mais de três anos de campanha, trazer as contradições à luz para que o poder ideológico do livre comércio se desfaça.

Qualquer que seja o modelo das negociações, seu objetivo permanece sendo a progressiva liberalização comercial: a remoção de regras e legislações que oponham obstáculos aos lucros das empresas que vêem o continente americano como um grande mercado. Preservando o princípio de “remoção de obstáculos”, a definição do piso mínimo mantém serviços, investimentos, compras governamentais e patentes como parte da



Fernanda Estima

Resistência feminista contra a Alca

artilharia pesada da Alca, e continua a abranger negociações sobre todos os temas que ameaçam direitos conquistados e a possibilidade de criação de políticas públicas universais. A tão falada ousadia do governo frente aos EUA não é mais do que a proposta de adoção na Alca dos parâmetros que estão sendo formulados na OMC por corporações transnacionais como a Monsanto.

Também se lê nos jornais que o governo preparou uma proposta “agressiva” para o primeiro piso comum a todos os países, no que diz respeito a acesso a mercados. Isso quer dizer que o Brasil está insistindo em ganhar concessões na exportação de seus produtos para os EUA, conhecidos por proteger seus mercados através de regras, taxas e subsídios altíssimos. Há quem acredite que essa é uma jogada progressista do governo para entrar nas negociações: a chance de que os norte-americanos cedam nessa área é muito pequena, e a insistência dos brasileiros poderia atrasar as trocas de concessões entre os países. Mas a estratégia de conquista de mercados para os produtos agrícolas brasileiros inclui barganhar as áreas de serviços e investimentos em troca de redução de barreiras para a exportação. E também é fundamental do ponto de vista das mulheres questionar o modelo de desenvolvimento pautado pelas exporta-

ções com que essas negociações estão nos comprometendo, além de indagar quais são os grupos poderosos por trás dos interesses exportadores do Brasil.

A declaração ministerial foi uma forma de se conceder alguma mudança para que tudo possa permanecer igual. Se a decisão firmada em Miami foi um recuo tático dos EUA, foi também um momento de vitória no comprometimento dos demais países com o sucesso do acordo em 2005.

A disposição do governo em favor da viabilização da Alca é contrária às reivindicações dos movimentos e de mais de 10 milhões de pessoas que votaram contra a Alca no plebiscito popular que realizamos em 2001. Essa tendência corresponde a uma política macroeconômica que também ameaça nossa soberania pela subordinação aos sucessivos acordos com o FMI.

Mais do que nunca, é preciso que estejamos dispostas a fortalecer a Campanha contra a Alca, construindo argumentos e ações para confrontar esse projeto. A próxima e última reunião ministerial da Alca deve acontecer no Brasil em 2004, entre julho e agosto. Estaremos nos comitês da Campanha, nos debates, escolas, locais de trabalho e nas ruas, apresentando a visão feminista e anti-neoliberal que construímos com autonomia, na Marcha Mundial das Mulheres e na Rede Economia e Feminismo.

## Mulheres guerreiras e fóruns sociais

### Fórum Social Europeu

A Assembléia Européia pelos Direitos das Mulheres, que precedeu o Fórum Social Europeu de 2003, teve como um de seus temas centrais as resistências e testemunhos das migrantes que em sua maioria continuam invisíveis, privadas de seus direitos e submetidas às crescentes arbitrariedades racistas e restrições de circulação impostas pelos governos europeus. Uma outra Europa, num mundo diferente, só será possível se construída com as mulheres. E a perspectiva das mulheres não será completa se as milhões de mulheres migrantes, de origem africana, asiática e latino-americana que vivem hoje na Europa não fizerem parte da construção feminista. Sala Kante, sene-

galesa que vive na França, destacou a força das migrantes durante a sessão de abertura: “As mulheres que vêm de outros países têm muito a nos ensinar. Elas não são somente vítimas. Elas sabem se organizar, trocar, compartilhar. São mulheres que resistem, que lutam, que conseguem viver e sustentar famílias, apesar do ambiente hostil ao qual as submetemos.”

### Fórum Social Brasileiro

No dia 8 de novembro, em Belo Horizonte, durante o Fórum Social Brasileiro, a “Frente de Libertação das Sementes” realizou uma ação direta e educativa numa loja da rede Carrefour. Militantes da Marcha Mundial das Mulheres, do Grumo Ativismo Nômade, jovens de vários estados e ambientalistas entraram no supermercado com tambores e faixas com frases criativas: “Coma transgênico – beba petróleo – seja Bush”. Algumas pessoas etiquetavam prateleiras e produtos, outras advertiam os fregueses sobre a falta de rotulagem e o perigo dos transgênicos, enquanto muitas, em frente aos caixas, cantavam canções informativas plagiadas dos comerciais de alimentos para crianças. A manifestação reuniu cerca de quinhentas pessoas e foi um momento vivo da convergência entre movimentos em torno de um tema urgente da agenda política brasileira; um sucesso das lutas da juventude e das mulheres na ocupação de espaços públicos e na reinvenção de linguagens feministas e anti-capitalistas de protesto.

### Queima qu' é transgênico

(com jingle da Cremogema)

*Queima, queima, queima que é transgênico!*

Pra acabar com o monopólio das sementes!

A Monsanto quer sempre o pior pra gente!

Queima, queima que é transgênico!

### Transgênico não dá

(com jingle do Danoninho)

*Não dá, não dá, não dá,*

Não dá danoninho, todinho não dá,  
biscoito bauducco nem ovomaltine,  
massa frescarini e yoki não dá!

Comida transgênica tem que acabar!

### CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otilia Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A Folha Feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da ICCO.

### EQUIPE EDITORIAL

**Diretora Responsável:** Nalu Faria

**Editora:** Fernanda Estima (Mtb 25.075)

**Projeto Gráfico:** Alexandre Bessa

**Diagramação:** Márcia Helena Ramos

**Fotolito:** Input

**Impressão:** RWC Artes Gráficas

**Tiragem:** 1.500 exemplares

**Número avulso:** R\$1,50



SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA

**Assinatura anual (10 números):** R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros  
05417-080 - São Paulo / SP

Tel/fax: 3819-3876

Correio Eletrônico: [sof@sof.org.br](mailto:sof@sof.org.br)

Página na internet:

<http://www.sof.org.br>

## próximos números

- FEMINISMO E AS INSTITUIÇÕES MULTILATERAIS
- A QUESTÃO DA ÁGUA NA OMC